

REMINISCÊNCIAS...

Maria Arisnete Câmara de Moraes
Professora do Departamento de Educação/UFRN

“Que diferença pode haver entre recordar sonhos e recordar o passado?” Indagava Jorge Luís Borges no texto *O Culto do Livro* publicado no jornal da Tarde em 7 de agosto de 1988. Parafraçando-o, indago: que diferença pode haver entre as minhas práticas de leituras ocasionais, quando apenas o prazer de ler direcionava minhas intenções de leitora, e o momento deste relato? Em busca dessas diferenças, recorro aos fragmentos das lembranças que permanecem...

Ir ao encontro dessas lembranças, que julgava perdidas é gratificante e ao mesmo tempo difícil; difícil, porque escrever sobre elas é um desnudamento. Quem não tem medo do desnudamento do espírito no espaço público? Virgínia Woolf me encoraja a prosseguir “mergulhando a linha do pensamento fundo na corrente”, impulsionando-me à deriva do tempo da história dessas leituras. Virgínia Woolf, através do seu belíssimo ensaio *Um Teto Todo Seu*, pede-me para não hesitar diante de nenhum assunto, por mais banal ou mais vasto que seja.

O desafio está posto! Eis-me a vasculhar nos grotões da memória os vestígios dessas reminiscências. A partir de que momento tornava-se possível a perspectiva deste texto? As idéias acerca das falas dos meus interlocutores cresciam à medida em que lia textos sobre leituras, leitores e autores e fui me percebendo girando no próprio tempo e ouvindo a multidão de vozes de textos lidos. As vozes a que me refiro pertencem a um determinado período da minha vida, a adolescência, quando o prazer de ler confundia-se com o proibido, a clandestinidade das leituras. Era tão ávida pelas leituras clandestinas quanto Maria do Carmo e Lídia Campelo, personagens de Adolfo Caminha no romance *A Normalista*, que liam às escondidas o *Primo Basílio* de Eça de Queiroz.

Minhas leituras percorreram uma trajetória ora disciplinada, ora totalmente ao acaso, ao sabor do que me caía nas mãos. Quero voltar no tempo e falar dessas leituras ocasionais, não-obrigatórias, levadas simplesmente pelo prazer de ler. No momento em que escrevo, mil fantasmas de textos ressurgem me ajudando a recompor um texto de fragmentos de textos lidos e perdidos no tempo...

“você ainda não leu o Pecado de Lisa”? Sussurrava uma voz adolescente ao meu ouvido na sala de aula, referindo-se ao romance do escritor inglês William Somerset Maugham. A bibliotecária do Colégio Estadual do Atheneu norte-rio-grandense, muito compenetrada do seu papel de orientadora de leituras das jovens, falava:

“Isto não é livro para mocinhas!”

Justamente, por não ser um livro para mocinhas é que toda a classe o leu. A comunicação sussurrada era instantânea!

Um professor de ciências me surpreendeu, durante a sua aula, lendo o romance *Noite* do escritor Érico Veríssimo. Depois de examinar o livro lentamente, ora olhando para mim, ora para o livro, (eu já querendo morrer!) me indaga num tom paternal:

“O seu pai sabe que você lê essas coisas?”

Ele, o professor, era baixinho e careca, eu o achava parecidíssimo com Humbert Humbert o sedutor (ou seduzido?) de *Lolita*, personagem de Vladimir Nabokov, do romance homônimo. Livro este, que também li às escondidas. A respeito dessa personagem de Nabokov, não faltavam as analogias. Qualquer garota de doze anos que fugisse um pouco ao padrão (usasse um batom muito vermelho, por exemplo), fazia-me lembrar da ingênua e perversa *Lolita*.

Eu tinha pesadelos quando lia esses livros impróprios a minha idade. Foi o que ocorreu durante e após a leitura do romance *O Castelo do Homem Sem Alma* de A. J. Cronin. A jovem Mary Brodie expulsa de casa numa noite de tempestade tem um filho (ilegítimo) num estábulo e seus gritos perdiam-se no assovio constante do vento. Eu não conseguia esquecer os rugidos da tempestade, ...os gemidos,... o sangue misturando-se ao suor... e a criança

nascendo... . Foi o que ocorreu também após a leitura do livro *Maria da Tempestade*, do escritor e padre João Mohana: Bárbara Sena tomava morfina para aliviar as dores que sentia!

Cheguei à conclusão de que esses meus pesadelos eram castigos de Deus pois não deveria ler livros proibidos a minha idade. Fazia promessas de nunca mais pôr os olhos "naqueles livros". Enquanto durava o remorso, dava uma trégua nas leituras clandestinas. Quem não leu *A Moça e Seus Problemas*, um livro de capa cor-de-rosa, com orientações sexuais para adolescentes, carregado de preconceitos? Para os rapazes, a leitura era *O Moço e Seus Problemas*, livro de capa azul, mas só para rapazes.::

As personagens do meu mundo imaginário tomavam forma, materializavam-se pois sempre encontrava alguém que se identificava com as personagens dos meus romances favoritos. Lembro-me que gostava de ir à missa numa Igreja perto de casa somente porque ia também um casal (perfeito!) do meu mundo imaginário: gostava de ficar olhando para ele fazendo viagens fantásticas...

A biblioteca era o lugar no qual se matava aula, era o refúgio das leituras proibidas. Punha uma capa nos livros de Émile Zola para melhor saboreá-lo. Quando uma das suas personagens, Nana do romance homônimo, contraiu varíola, fiquei um bom tempo olhando para o meu próprio corpo. Nana, com o corpo desfeito pela moléstia mas com os cabelos resplandecentes da cor do sol, é uma imagem muito viva para mim! Ainda hoje, quando frequento uma biblioteca e vejo as pessoas silenciosas e cabisbaixas envolvidas na leitura, a primeira sensação que me envolve é de curiosidade em saber o que elas estão lendo. Foi o que me ocorreu quando fazia a leitura de um texto sobre leitura, na biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e na minha frente havia uma moça muito concentrada no que lia. Eu pensei: que tipo de leitura estaria fazendo? Será que não colocou uma capa no livro para esconder as suas intenções de leitora?

Lia pelo prazer de ler, anotava tudo em uma caderneta preciosa; consumia os autores sem nenhuma seleção. Tinha com os livros (hoje eu sei)

uma relação fetichista conforme aprendi depois com Roland Barthes. Eram leituras de adolescente que marcavam uma etapa da minha vida e ajudavam a me constituir enquanto leitora.

Sempre achei que autores de livros são pessoas diferentes, míticas, e tinha em relação a eles uma espécie de respeito quase sagrado porque me permitiam vislumbrar outras perspectivas além do meu cotidiano. Era uma criação da qual eu invejava! Pensava até que os escritores eram também frutos da minha imaginação. Eles em si eram uma criação literária.

A professora de português falava que para se escrever bem é preciso ler bastante. Eu imaginava a quantidade de livros que os autores de livros tinham que consumir para escrever de forma a desencadear tantas imagens bonitas nas pessoas que liam. Por isto é que hoje me identifico com a Ludmila de Italo Calvino, personagem do livro *Se Um Viajante Numa Noite de Inverno*, que insistia em permanecer do outro lado da linha divisória dos que lêem com receio de perder o prazer desinteressado pela leitura. Eu gostava dos livros para ler. Na minha concepção adolescente, era impossível alguém viver sem ler.

De volta deste rápido encontro proustiano com as minhas leituras, fecho as páginas das reminiscências e reflito sobre o meu presente de pesquisadora: pesquisa e histórias de vida não se separam. Todo aquele tempo passado em volta daquelas leituras clandestinas me conduz às histórias das leituras femininas no século XIX. Histórias de leituras que tentam explicitar as tensões que as mulheres vivenciavam e as táticas a que recorriam em busca de um espaço de leitura: seja este à luz de vela, candeeiro, lampião a gás ou acetileno. “Que diferença pode haver entre recordar sonhos e recordar o passado?”